

Centro Memória Viva
Documentação e Referência em EJA, Educação Popular e Movimentos Sociais do Centro Oeste

I SEMINARIO REGIONAL DO CENTRO MEMORIA VIVA DO CENTRO-OESTE

Brasília, 16 e 17 de dezembro de 2010

MANHÃ DO DIA 16

Depois de abertura do Seminário pelo Erlando, os participantes se apresentaram rapidamente (nome, instituição de origem e alguma outra indicação sobre o que faz e como se vincula ao Projeto Centro Memória Viva). Os participantes de MS, Goiás e MT estavam mais ou menos equiparados em quantidade, com exceção de Brasília, que trouxe alguns participantes mais, como já era esperado.

1. MS- ELIEL MS SUPORTE INFORMATICA
2. MS- Renata MS em Educação, faz parte do grupo de pesquisa de Eva Wairo
3. MS- IDINAURA – Socióloga, Proneira em EJA, vice-coord.
4. MT- DEBORA
5. MT- ELISMAR
6. MT- NELBI
7. MT- ROSANGELA CFES GPMSE
8. MT- JOSIANE
9. MT- Artemis, coordenadora por MT, faz parte do Grupo de Pesquisa em Movimentos Sociais e Educação (GPMSE)
10. DF- FABRICIA UnB - DR. HISTORIA, MSOCIAL FEMINISMO, ESP. ED. DISTANCIA
11. MT- MARLENE, coordenadora equipe ABHP. Ed. Popular com agentes de saúde, independentemente do nível escolar
12. MT DIMAS Hist. Ed. Unemat. Pesquisa sobre financiamento EJA,
13. MT- ELIZABETH DRa. Hist.Ed. experiência na área de documentação
14. DF- Ricardo UnB doutorando
15. DF- TELMI, doutoranda em Historia, tutora em EJA, estudo em gênero
16. ٪٪٪- Doutoranda em historia, já trabalhou na UaB

17. ززز- H..... historiador.
18. DF- Fernanda bibliotecária, trabalha com comunidades virtuais
19. GO- Maribel UFG bolsista
20. GO- Dinorah prof. Aposentada do Forum-EJA,
21. GO- Sandra, apoio administrativo do Projeto, por Goiás, faz parte do coletivo de estudantes negros
22. GO- Margarida, coord. Regional.
23. DF- Sergio, educ. popular, recém formado em Pedagogia.
24. DF- Clelia, historiadora, UnB, em MT trabalhou muito sobre questão agrária, retornou a Brasília, continuou trabalhando com movimentos populares, cultura oral do MST, questão da mística.
25. DF- MARIA LUIZA, UnB, portal fóruns EJA, desafio de construir a história viva
26. DF- Erlando, UnB, coordenador por DF.
27. DF- Clarisse, UnB, vice-coordenadora por DF.
28.

CLELIA

Dedica-se à questão da memória no MST. Por que repor memória? Hoje, tudo que se observa é a vulgarização do significado da memória. Memória não são só lembranças. Há um conceito mais amplo. Hoje, é preciso reconstruí-la, pois corre-se o risco de não mais refletir sobre as memórias, de não valorizá-las.

Pensar na memória não vulgarizada exige pensá-la não como sendo unicamente passado. Obviamente, é passado, mas é também presente, uma forma de reconstrução do passado no tempo presente. Memória é uma forma de trazer o passado sob a forma de lembranças. No movimento psíquico, trabalha-se no sentido de guardar de cor, no coração. Ou seja, lembrar, rememorar é guardar os acontecimentos no coração. A deusa Mnemosine era privilegiada. Guardar de cor é guardar no coração, é guardar o que mais significa, o que mais sensibiliza. Por isso, guardamos de cor. Muitos educadores tem renegado o trabalho de guardar de cor. Importante reconstruir esse conceito a partir dessa perspectiva. Importante hoje, até para se humanizar o mundo de hoje. Se se considera importante a memória, reconhece-se a importância desse trabalho de construção.

Quando reconstruímos o passado, quando lembramos, estamos estabelecendo relação entre passado e presente. Estamos reconhecendo como os outros viveram, sentiram. Por isso, a História está trabalhando com o cotidiano. Reconstruir... ao mesmo tempo que estamos fazendo isso, estamos registrando-as. Guardar de cor, privilegiando a oralidade. Guardar no registro escrito solapa a memória oral. A modernidade vem então diminuir a cultura do ouvir histórias. Hoje se perdeu a perspectiva de reconstrução da história pela oralidade, pela

memória viva. Por outro lado, possibilitou as permanências dessa memória. Uma das vantagens é se poder fazer registro dessa memória, pela imagem, pelo texto... Portanto, reconstruir memória é uma forma de registrar o que se quer manter presente.

Por que outra razão se deve reconstruir memória? A memória, sobretudo a oral, é uma forma de tentar assegurar a sensibilidade humana. A linguagem é fundamentalmente afetiva. Escrever sobre os acontecimentos do dia é distinto do relato oral, que é muito mais rico, trazendo detalhes e emoções vivas. Questões do coração são afloradas. Reconstrução da memória oral é fundamental no sentido da reconstrução do ser humano com sentimentos, inclusive quando se considera o processo desumanizador em curso. Nessa perspectiva, pode-se explorar muito a memória oral. Na medida em que os protagonistas vão jogando para fora seus sentimentos, vão-se sentindo homens por inteiro. Nesse sentido, a memória oral e escrita vai-nos possibilitar conhecer melhor a nós próprios.

Quem somos nós? A questão do conhecimento das pessoas que integram os grupos. A cultura inglesa é muito rica nessa questão da valorização da oralidade. A criança inglesa conta a história da família. Faz parte da cultura deles incluir na tradição educacional o conhecimento das origens. Como elemento formador da identidade. Nos movimentos sociais, na medida em que se valoriza a história dos protagonistas e do movimento, está se colaborando para a construção da identidade. Por exemplo, no MST, vão compreender que sua luta vem de longe e está tendo continuidade por meio deles. Eles estão reconstruindo e reforçando a luta pela terra. Cria-se um espírito de corpo, através da identidade. Com isso, o movimento se fortalece, seus membros se animam para a luta.

A reconstrução da memória ajuda no processo de democratização. Ao se fortalecer o grupo de excluídos está se pensando em inclui-los. Estamos trabalhando com a história vista de baixo, como dizem os ingleses. Na medida em que há movimentos sociais fortes, o movimento democrático cresce, na medida em que se reforçam as identidades, ajudando a constituição do homem em sua integridade. Ao mesmo tempo que se fortalece os MS, também se está favorecendo a luta por inclusão, por cidadania. Portanto, trabalhando pela ampliação da cidadania.

Ao mesmo tempo que os MS assumem várias lutas, estão lutando pela condição cidadã. E por um direito humano, ressignificado como não só universais, mas pelos direitos novos, como preservação da ecologia, pelo respeito a diferença. Hoje, pensa-se a cidadania e direitos humanos como conquista, não se restringindo ao campo dos direitos universais do século XIX. Para se tornar sujeito de sua história, só a terra não adianta. Nesse sentido, novos direitos estão sendo conquistados. No momento que temos o reconhecimento de que a reconstrução da memória é um direito, estamos levantando questões cruciais. Daí, a celeuma em torno do texto do PNDH. Nessa perspectiva, os MS tem de estar atentos, porque trabalhar com memória é trabalhar com identidade, com cidadania, com democracia, com direitos.

Algumas experiências: Museu do Contestado, pequeno, interessante porque mostra a história do que foi o Contestado (objetos que simbolizam a época do Contestado). Quando se trabalha com MS, importante saber. Ligas camponesas – recuperação do Memorial. Esses espaços de memória podem ser um arquivo reunindo a documentação. Nas escolas, é fundamental também se ter um espaço de memória. Ali se vai registrando um pouco da história dos movimentos populares. Memorial Darci Ribeiro – o significado é a presença do Darci sendo retomada na UnB, retomou-se a história da UnB. Os livros de Saramago são verdadeiras lições

de memória. No livro da reforma agrária portuguesa (No chão da terra), falando da luta pela terra em Portugal, ele diz: isso aqui é um ato de amor, pois estamos presentificando ausências. Agora, estamos reconstruindo a história dos que viveram e hoje não estão mais conosco. Através das lembranças, presentificamos os mortos. Isso é um ato de amor. Todo ano é preciso fazer uma comemoração do Carajás, porque estamos recuperando a história, trazendo à lembrança. Monumentos são objetos de memória. O problema, como afirma Hobsbawm, é que, no século 20, comemoração é festejo, quando comemoração é trazer a lembrança do passado para o presente. Reconstruir a memória é pensar em uma democracia plena, em direito à verdade, ao passado.

DEBATE

MLuiza – que elementos se tem avançado nos procedimentos de memória oral? que referências bibliográficas? como se dá o diálogo da academia com os MS?

Dimas – oralidade e escrita. Talvez a escrita tenha solapado a oralidade. Mas a escrita solapou ou foi o modelo de sociedade? No referencial teórico de Hobsbawm, como trabalha a questão da memória coletiva

Artemis – hoje, pessoas de todas as idades se comunicam por via da internet, trocam fotos, imagens, textos escritos. De algum modo, estão produzindo memória. Isso é muito importante e valioso. A geração jovem, especialmente, está aprendendo a desenvolver esses modelos de construção da memória, mesmo que não se deem conta da importância disso, ainda. Então, ao chamar a atenção para a importância da memória oral, que elementos significativos quem queira utilizar técnicas de produção de memória oral não pode perder de vista?

Erlando – na relação oral e escrita, em termos de construção de memória, trazendo os pressupostos metodológicos, em que nível se pode colocar a questão da confiabilidade dos processos de captação da memória.

RESPOSTA

Sobre teóricos: de mais fácil acesso, o livro de P. Ricoeur (história, memória e esquecimento), exatamente sobre a discussão profunda da memória; Eclea Bosi (memória e sociedade: memória de velhos), na linha da memória oral, (memória viva), mais recente, muito interessante, traz elementos de reflexão sobre a questão da memória, a questão do desenraizamento, o que significa ser tirado de sua localidade de origem; de Raul Vaiche, de Henri Bergson (memória e matéria), vertente psicanalítica, que vai trabalhar com memória enquanto quadro psíquico como elemento de investigação; Os indicados aqui são da memória social. Historiadores como Pierre Lorrat (Lugares de Memória); a revista n. 10 da Projeto, tem uma tradução dele. Walter Benjamin, que trabalha muito conceito de história e memória, conceito de experiência, que é fundamental para se trabalhar nos MS.

Sobre relação entre memória escrita e oral. Como afirma Benjamin, o único registro era oral, era pelo contar história.

Com o surgimento e difusão da escrita, o problema é que a passagem da oralidade para a escrita houve um enorme choque. Aí, o conceito de ciência começa a incluir a escrita como fundamento do conhecimento científico. Porque a escrita é uma forma de registro que fica. Mas também é uma forma de registro que acaba maculando a emoção, o sentimento do que é

acadêmico. Culturalmente a escrita se implantou quantitativamente. Não valorizamos a história oral. Quando as bibliotecas estimulam o contar história, já estão fazendo reconstrução da memória. Por que hoje não valorizamos a história oral? devido à supremacia da história escrita. Sociedade ágrafa é caracterizada como pré-história. A produção da memória oral é inseparável da memória escrita. Oral, hoje, não dá para separar do escrito. Literatura de cordel: nasceu e é produzido com uma linguagem oralizada, mesmo sendo registrado graficamente. A questão da mídia reúne oral e escrito. Hoje, essa aproximação entre oral e escrita está se fazendo. Halbach (Dimas) desconhece que não há indivíduo, só há grupo. Vários autores mostram o entrelaçamento do individual e do coletivo (N. Elias. B. Santos, E. Morin etc.). Construção do sujeito social. Não tenho dúvida que o referencial de memória coletiva de Halbach é clássico. É uma boa leitura.

Sobre a produção atual, realmente, estamos assistindo a um boom de memória, mas o conceito de memória, com esse boom expressivo esta sendo esvaziado. Cabe aos que estudam essa questão fazer reconstruir os verdadeiros sentidos da memória. O diferencial é exatamente perceber que memória é muito mais que passado. É esquecer também. Nesse momento de reconstrução das lembranças, somente reconstruímos o que ficou para nós, o que nos afetou, o resto não deixou marcas no coração é esquecido. Borges lembrava tudo da cidade, até que um dia não conseguiu lembrar mais nada, porque o fluxo memorioso que não sabe esquecer é uma máquina.

Para se pensar em procedimento de construção de espaço de memória, esses espaços estão deixando de ser acúmulo de objetos e se tornando museus vivos. Passam a mostrar o passado com recursos que o tragam de forma a se presentificarem vivos, não como peças mortas. Museu da Evita, em B.Aires, muito lindo (cheiro do café). Odores também são formas de produção de memória. Outros procedimentos: exposições fotográficas itinerantes. Papéis contendo escritos, fotos de avós, em museu na Espanha. Confiabilidade da escrita. Entramos na questão da verdade e da ficção. Por que fazemos dicotomia entre escrito e oral? Exatamente pela hegemonia da escrita. Porque o oral passa o sentimento, coisa que na escrita não é possível. Com isso, fomos quase que obrigados, em nome da ciência, a esconder o sentimento. Da mesma forma, também ficou estabelecido que não se podia estudar o sentimento. Felizmente, a história cultural possibilitou quebrar essas convenções.

Se há entrevista com história oral, para os positivistas, continua não sendo científico. Pode-se então questionar: com que olhar o autor de um documento escrito o produziu? ele tem sentimentos! Convencionou-se que determinados parâmetros estabelecem o limite entre ciência e não ciência. O real para mim pode não ser para o outro.

... mais questões

Fernanda – bibliotecas comunitárias, onde se inicia o trabalho com histórias de cada um da comunidade. Depois, coleta de livros. Essas bibliotecas são recursos importantes da informação. A exposição na mídia, repositórios digitais, pela necessidade de instituições acadêmicas. Necessidade de uma entrevista, de um vídeo, de uma fotografia etc. O principal que se ressalta dos repositórios é principalmente a guarda para democratização do acesso. Nas instituições, muitos documentos são descartados, mesmo sendo os documentos públicos.

Cadê a democracia da informação, ao menos dessa informação registrada? Importante a comparação. O acesso ao escrito e ao oral e ao iconográfico.

A escrita é forma de desresponsabilizar a pessoa.

Aparte- eu valorizo a informação, independentemente de ser oral ou escrita.

RESPOSTA

Cleria – não priorizei um ou outro meio. Ambos são formas de memória que devem ser reconstruídas. O que tentei mostrar foi a supervalorização da memória escrita, em detrimento da memória oral.

Agradecimentos de Margarida - Na sua fala há um cuidado de mostrar que há uma tradição nessa área, já acumulada. Relação presente e passado devem todo o tempo tencionar nossas pesquisas. Queremos contar com sua presença em outros momentos.

-Quando falou que foi potencializada a escrita, houve uma intenção. Acho que foi para tirar a força dos movimentos.

Cleria confirma.

-O que ocorre hoje seria uma volta ao passado?

Cleria – a história não começou no sec. 20. Há uma concepção de ciência que quer manter uma história oficial em detrimento dos excluídos.

TARDE DO DIA 16

MARGARIDA (apresenta um histórico do Projeto CMV)

Em 2008, interesse no Projeto pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad) se fortaleceu depois que O.Favero solicitou financiamento para construção, no Rio de Janeiro, de Núcleo de Memória, reunindo acervo sobre EJA e Ed. Popular. Ao mostrar a experiência para os membros de EJA, Fávero provocou dizendo: “Isto é só um pedacinho do que temos a explorar.” A Secad estava presente e tentou provocar as universidades, perguntando o que elas teriam a oferecer.

Com isso, Secad encontrou resposta para suas dificuldades sobre o que fazer com vasto material de EJA. Foi à Anped conversar com GT EJA para propor uma pesquisa nacional. Naquele momento, afirmou querer pesquisa e extensão feitos por três blocos de região: sul/sudeste; norte/centro-oeste, nordeste. Margarida, presente, propôs Centro-Oeste separado. Disseram OK e, a partir daí, informaram que havia um projeto de hum milhão do sudeste e que as regiões deveriam se articular.

Centro-Oeste se articulou..... Princípios: Uma das questões observada era que havia uma memória que precisava também fazer parte. Projeto, de pesquisa e extensão, quer também estimular ensino. Federais como gerentes, pois os recursos tem de passar por federais. Na conversação, decisão de descentralização, devido a especificidades locais. As IFES são

coordenadoras de uma equipe constituída de entidades que, inclusive podem ser entidades com um pessoal fora da academia. Perspectiva é sair do isolamento para avançar para pesquisas coletivas. Anped e, principalmente, Centro-Oeste entende que tem de ser espaço de difusão das pesquisas na área. A perspectiva é constituir rede virtual. Já fazemos videoconferência, webconferencia etc. Instrumento de web e vídeo foi utilizado até hoje para decidir questões financeiras.

Primeiro problema enfrentado pelo Projeto foi com a chegada dos recursos. Segundo problema, o próprio orçamento que foi inventado. Hoje, neste primeiro encontro, as dificuldades estão evidentes. O modelinho de 2010 não funciona. MEC liberou primeiro ano. No que liberou, começou-se a enfrentar outras questões, que são a chegada de novos parceiros. Então, isso trouxe novos compromissos para a Secad. Entrou a Setec para sanar esse compromisso com equipamentos. Agora, no evoluir da discussão, aparecem novos trabalhos ou problemas, deixando claro que o Centro deve ser nacional. Entra também a necessidade de novos parceiros de apoio financeiro.

Hoje, percebemos que precisamos discutir procedimentos, o que queremos, onde podemos chegar, o que requer paciência e tolerância para puxar os parceiros que estão chegando.

Outra coisa, para entender a lógica de documentação e memória, fomos ao Arquivo Nacional, Biblioteca Nacional, CPDOC/FGV, no Rio de Janeiro, tentando pensar grande. Quando vimos Memórias Reveladas, a ideia foi fazer algo semelhante. Dar visibilidade à documentação, site interativo etc. E nós nos perguntamos: como dar conta de fazer isso? Desde o principio, a ideia era um centro de produção de memória viva, não um museu de peças. A ideia é recuperar imagens, documentos, áudio, livros, pesquisas, etc. Inicialmente, pensava-se que esse centro cairia no espaço virtual dos Foruns EJA Brasil. Depois das discussões no Arquivo Nacional, pensou-se na necessidade de suporte tecnológico, equipe multidisciplinar. É preciso trabalhar com a perspectiva de virtualizar tudo. Na articulação, hoje, trata-se de chegar a um acordo que permita constituir uma rede nacional.

Os passos até agora foram: prorrogação dos gastos de recursos da Secad e da Setec. Cada IF tem solução diferente para a administração dos recursos. Fizemos movimento de tramitar internamente o Projeto. Aprovando-o nas unidades acadêmicas. As oficinas nos fizeram pensar em:

O que seremos - Como nos organizaremos - Como viabilizar as pesquisas em curso

O que fizemos nós, do Centro Oeste: (recursos financeiros, gasto honesto, dificuldades)

Com prof. Mamedes, da UnB, conversou-se sobre ambiente virtual. Que suporte é necessário etc. Combinou-se de conversar melhor, por meio de oficina em março, com representantes de nossas equipes para discutir questões de arquivo, biblioteconomia,

Vamos precisar construir um esqueleto das pesquisas em curso, uma memória do que fizemos até agora e discussão sobre outras fontes de financiamento, criando-se um corpo nacional.

Centro de Referencia em EJA é o nome a que se está chegando por consenso. Estamos bancando a ideia de que o território tem algum sentido, se vencermos esse desafio, teremos a identidade regional preservada. Nesse caso, manteremos o nome Centro Memória Viva do Centro-Oeste

NÃO QUEREMOS SER UMA LÓGICA DE PRODUÇÃO DE PRODUTOS PARA O MERCADO. Por isso, temos de estar vinculados aos fóruns de EJA e aos movimentos sociais. Não queremos ser prestação de serviços nas universidades, por isso, o que queremos fazer tem de repercutir nas nossas aulas, nas disciplinas, nos cursos de extensão etc. Fazer coletivamente pode manter-nos dentro desse espírito de não dispersão, com identidade, princípios e propósitos.

Este seminário foi combinado porque temos de ter um consenso quanto ao ponto de vista metodológico, teórico. Podemos, com as indicações de Cleria, montar as referências bibliográficas. Precisamos ter um afinamento quanto ao caminho, nesse aspecto.

DEBATE

Diane

Maria Luiza

Maria Emília ç - Memória Viva, na UFG, é link, no Centro de Educação, sob a coordenação de Maria Emilia, que deu origem ao museu virtual. Memória viva (MVEJA) é a parte que o pessoal da EJA alimentava e que Maria Emilia desencadeou e organizou. Goiás tem experiência significativa de MEB e o nome surgiu daí. Algumas obras de P.Freire foram fotografadas e, clicando nelas, tem-se a sinopse de cada uma. Agora, recentemente, um técnico da informática disse que não era possível fazer.

DIANE VALDÉZ (exposição sobre sua experiência com museu virtual de educação)

Na FAE, o problema da documentação. Busca dos documentos desse meio século. Uma das primeiras preocupações foi discutir a própria casa, a FAE, na oportunidade do aniversário da própria UFG. A documentação, jogada no Nedesc. Pensou-se em mutirão. Ou em um profissional da arquivologia. Fez-se convenio com CIDARQ – centro de informação, documentação e arquivo da UFG. Desde as primeiras conversas, necessidade de limpeza do lugar, o que tem normas e regras. Necessário aspirador de pó, mascaras etc. grupo de estudo. Armarios, etiquetas. Documentos contam essa história da presença e movimentação das pessoas, dos profissionais. Pensa-se digitalizar o material e disponibilizar on line, na pagina da UFG. Essencial para manutenção da história. Alunas fazendo pesquisa sobre a UFG na imprensa. Localizaram que UFG havia dado título honoris causa a João Batista Figueiredo. Indagaram na UFG, que não sabia. Mas os documentos poderão confirmar ou não a notícia. Também se pretende reativar o Museu virtual. Como historiadora, passou muito tempo em museus. Compra de livros sec. XIX. No doutorado. Depois, o que fazer com os livros? Daí a discussão sobre como viabilizar esse acervo particular. Página ainda não divulgada do REHEG resultou de I Ciclo de Estudos sobre História e fontes. Em todos os encontros, que foram mensais, convidou-se professor da rede. Argumento para ativação de um museu virtual. Deu-se continuidade, de forma profissional, à ideia do museu virtual. Então, pediu-se auxílio do CIDARC. Incorporou-se o Museu virtual de Educação, feito por professoras de Anápolis. O site tem acervo de livros, jornais e fotografias.

[Alguns exemplos de como está montado o site. Comenta sobre fotografias de escola, mesmo em época de dificuldade de fotografia. A fotografia não é restaurada, as próprias marcas de deterioração devem ser mantidas.]

[Lê um texto: guardadores de memória, de histórias]]

Debate:

-Não pode guardar dentro de plástico, precisa de ambientação etc.
- Por muito tempo se pensou que fazer história é só para historiador. Falta ao educador os instrumentos da historiografia. O pessoal da história se fecha. Como acontece na UFG essa dificuldade?

Resposta:

A educação tomou espaço dos historiadores. Trata-se muito mais do envolvimento com a temática e não de conhecimento técnico. Apoio do CIDARC. Eles têm o conhecimento técnico, gente que entende de digitalização, arquivística etc.

(comentário de Margarida?) No CMV quando se começou a pensar o que cabia desse latifúndio, a proposta não é criar um centro ambientado etc., mas é tarefa da universidade. O que temos de pensar é em referenciar onde a documentação fica, mas dificilmente pensar em um local específico para guarda de material. Na oficina no Arquivo Nacional, há dificuldade de entendimento entre os arquivistas. Nós entendemos que, se é para o CMV ser nacional, estamos investigando possibilidade de ver como nos transformarmos nesse nacional. O RJ tem uma casa à sua disposição, doada à UERJ, Casa do Trabalhador, que será um espaço reservado para documentação. Uma das bibliotecas, com mais de 40 mil volumes, sobre Mobral está guardado no colégio Pedro II, em más condições, com problemas de mofo.

O que se pretende em Goiás é fazer reforma física para tratar o material, não para guardá-lo. Não se pode substituir o papel que é da UFG. A ideia é garantir acesso público aos documentos e se está propondo assegurar isso.

Debate:

Centro de memória pode ser também um centro de recuperação. Pode ganhar um equipamento de digitalização e, em troca, devolver documento digitalizado ao doador. O Centro pode ter muitas distintas formas de armazenamento de fotografias com recursos atuais. Os equipamentos de transformação dos documentos em linguagem virtual são necessários.

Dimas - Qual é a ordem de prioridade do CMV: o compromisso com a pesquisa, a virtualização? Centro de Memória pode ser usado como espaço que seja real, mas que tenha possibilidade também de uso virtual? Não podemos mais pensar em centro de guarda de documento escrito.

Monica – Acessibilidade e disponibilidade da documentação. Vai estar acessível. Mas vai estar disponível? Essa disponibilidade como se dará?

Resposta:

Margarida - Em nenhum momento se pensa em recusar o ambiente virtual, ainda que seja importante o ambiente físico. O acesso popularizado é difícil, mas isso é luta de educadores. Que precisam deixar de pensar que correm o risco de ser substituídos por internet. Onde for possível criar o ambiente físico é interessante, obviamente. Se a gente pensar grande, mas caminhar miúdo, refletidamente, vai ser muito bom.

A nossa intencionalidade não é estritamente acadêmica, mas um acadêmico político e social. Por exemplo, todas as dissertações devem ser digitalizadas. Como é que pode chegar à atividade do CMV até o pessoal da biblioteconomia ou o pessoal da informática etc. Preocupação em se multiplicar.

MANHÃ DO DIA 17

Beth Madureira (Historiadora da Educação)

(exposição da sua experiência com arquivos privados)

Contextualização: Atividade no Grupo de pesquisa em Educação e Memória (GEM). Investigação de fontes da história de Mato Grosso. Procedimentos: levantamento em Arquivo Público, Escola Modelo Barão de Melgaço, Liceu Cuiabano (Houve tempo em que chegou a se equiparar ao Colégio Pedro II). Secundariamente, o GEM se propôs a dar suporte aos estudos de mestrandos. Ex. com o projeto Escola de Aprendizes Artífices, a Autora Nadia conseguiu ter acesso à documentação e, lá, com auxílio de Beth, também constituíram um memorial, em uma sala cedida por eles. Tentou-se envolver os alunos e sensibilizá-los para a preservação da memória. Segundo trabalho foi sobre o CEFET de S.Vicente, que serviu aos filhos dos fazendeiros que ali estudaram no regime de semi-internato. Nadia, Abimael e Beth descobriram várias salas cheias de documentos. Essa escola é vocacionada para atividades agrícolas. Outra atividade foi na Casa Barão de Melgaço. Participa das instituições culturais de Mato Grosso com preocupação de recuperação da memória desses institutos. A maioria dos membros era ligada à educação do estado e, de algum modo, tinha grande influência nesse campo da educação.

Biblioteca da CBM - Casa Barão de Melgaço. Tem obras raras, que inclusive eram utilizadas no ensino médio e superior. Revista A Violeta, produzida por mulheres. Obras de viajantes estrangeiros. Jornal A Escola. Finalmente, o famoso Álbum gráfico de Mato Grosso, editado na Alemanha, mostrando as riquezas que pudessem atrair o capital externo. Album de propaganda. Inclusive, bancado por empresas que investiam na região. Acervo de Jornais

(digitalização e microfilmagem, acervos privados. 340 títulos. [Beth informa sobre o tratamento dos jornais, mostrando as fases de arranjo, segundo o Nobrade). Acervo fotográfico, com mais de 8 mil fotos. Fotos do início do século 20. Segundo orientação do arquivo nacional, colocadas em pastas fumé. Catalogadas cada uma das fotos. Acervo do início do século, mostrando a cultura da época. Pode inclusive ter utilidade para projetos de EJA, tendo em conta as múltiplas possibilidades de exploração, dependendo de como se explore as informações dessas fotos.

Acervos privados (família Mendonça). A instituição goza de um conceito alto, estimulando as famílias a fazerem doação. Acervo dos Mendonça incluindo desde Estevão de Mendonça (1860) até Rubens de Mendonça, historiador do nosso tempo.

Ao todo, são 12 acervos. Foram confeccionados armários para comportar caixas depositárias dos documentos (plantas, mapas, cadernetas, cartas, relatórios etc. etc.). Coleção Ramiro Noronha. Militar braço direito de Rondon, no processo de abertura dos postos indígenas. O acervo foi solicitado por Beth. Há um álbum com 850 fotos.

Acervo Família Rodrigues (Firmo José Rodrigues (1871) e Dunga Rodrigues). Ambos professores. Dunga 1908 a 2001. Beth tem um livreto sobre Dunga. Solicitou da família o acervo e fez todo o trabalho de organização do acervo, mediante projeto financiado pela Secretaria de Cultura. Para lidar com esse acervo, fez um curso.....

Acervo mais amplo que o acervo do pai e da filha. Assim, constituiu o acervo duplo e, como base, um genérico (fundo Família Rodrigues), sendo os dois acervos (de Firmo, pai, e de Dunga, filha) sub-fundos. Arranjou o acervo em 10 grupos (documentos pessoais, documentos de família, formação intelectual, atuação profissional, produção intelectual, relações familiares, relações sociais, relações comerciais, universo de interesse (abrangendo várias coisas sem vínculo aparente e que não podiam ser classificadas em qualquer dos grupos)... No rescaldo do acervo, montou a biblioteca da família, um grupo com títulos de caráter geral, em outro, biblioteca específica de Mato Grosso. Além dos livros, acervo de jornais. Um dos filões mais interessantes é o de mobiliário e objetos, integrados nos 10 grupos. Selecionou objetos que pareceram significativos para Dunga (o certo seria que a própria Dunga indicasse tal significação). Acervo de fotos, mais de 70. Fotos, cartões postais

No GEM, fizeram experiência de documentação com gravação de voz. Entrevistaram vários educadores (Maria de Arruda Muller, que deu a entrevista com 102 anos. Prof. Natalino Ferreira Mendes, funcionário de escola pública na cidade de Cáceres, tendo sido Dimas responsável pela entrevista. Lenine Póvoas. Joaquim Ferraz, professor primário...etc.)

Hoje, fase de digitalização do acervo. Projeto de 100 mil reais com o Minc, colocando 50 mil para digitalização. Hoje, o Ponto de Cultura, na Casa Barão, ocupa um espaço físico que sediou a antiga Faculdade de Direito.

Em tamanho A4, há poucos documentos. A Curia Metropolitana apartou a documentação eclesiástica e a forneceu em comodato à CBM. Hoje, em elaboração a homepage em que estão os principais acervos já digitalizados. Documentação que estará plenamente divulgada.

EVA , (Historiadora da Educação)

(experiência de produção da memória dos primórdios da educação em Brasília

No grupo de pesquisa permanecem ex-alunos produzindo no campo do levantamento histórico. Professores participando de eventos brasileiros da educação, sentiu-se a ênfase dada a pesquisas em história da educação localizada. Interesse por estudos regionais mais específicos que pudessem enriquecer um conhecimento e possibilitar futuras sínteses mais representativas. Com esse espírito um grupo de professores decidiu construir os primórdios da história da educação em Brasília. Desde início, o projeto era audacioso, pois se pretendia constituir acervo de documentos sobre as origens do sistema público do DF, elegendo-se como recorte o período de 1956 a 1966. E os anos posteriores de sistematização, envolvendo o grande projeto de A.Teixeira. Importante a dimensão da proposta de Anísio. Também o fato de a própria construção de Brasília em 4 anos, com uma arquitetura revolucionária, numa perspectiva desenvolvimentista. Nesse ambiente político, convida-se Anísio para estar à frente da Educação. A base da preocupação sendo a educação integral.

Equipe dos professores da UnB, com professores de outras universidades, professores da rede pública, alunos pós-graduandos iniciaram uma discussão e a produção coletiva, com trabalhos programados e reuniões periódicas.

Constituição do acervo, com perspectiva de difusão aos pesquisadores e à própria população e de difusão midiática. O processo de constituição foi bastante complexo, envolvendo ida a arquivos públicos do DF, Instituto Histórico Geográfico, secretarias de educação e de cultura, institutos de guarda de patrimônio artístico. Embora apoiados num período pela Fundação de Apoio a Pesquisa, geralmente carentes de recursos em outros momentos. Objeto de interesse era tudo que se referia à educação, embora nem sempre restrito ao período em questão. Muitos documentos fora do período eram coletados. O acervo tem essa característica de comportar outras épocas. Visitaram acervos de outras instituições (FGV, UFRJ). Parte do acervo oriundo de arquivos públicos, outra parte proveniente de escolas pioneiras. Em Brasília, durante a ditadura, houve destruição de documentos, nas escolas, nas universidades. Esse foi elemento dificultador, além de que se deparou com perda de acervos por descuido de terceiros. São documentos de conteúdo variável, documentos iconográficos (fotos, vídeos).

Paralelamente, desde o início, a história oral. Com os protagonistas da educação vivos, montou-se uma estrutura de pesquisa, além de instrumentos de produção audiovisual, digitalização. Além disso, pesquisa em periódicos de circulação diária, trabalho feito por bolsistas, em microfilmes de Correio Brasiliense e diário carioca de circulação na época, extraíndo informações de contexto e específicas sobre a educação. Mais importante ainda é o que se conseguiu através dos acervos privados, especialmente dos professores e estudantes. De extrema importância. A medida que a pesquisa evolui, esses protagonistas se sentem interessados e sentem-se parte do projeto, doam além de documentos, fotos, escritos etc. Organizou-se o que já se tem e, com a assessoria de arquivista, criou-se uma organização para incorporar novos documentos. [Eva tem textos sobre isso] Seguiram-se alguns passos: diagnóstico, plano de categorias, higienização, inventário etc. Embora algo restrito e pequeno, criou-se tal estrutura. Ao lado disso, produziram-se textos (monografias, dissertações, teses etc.), já publicados e também divulgados em eventos científicos.

Memórias de uma utopia educativa a ser lançado, com base nesse acervo.

Na última etapa, está-se investindo na criação do Museu da educação do DF, tendo a intenção de expor o acervo, preservá-lo e para visita e disponibilização e, ainda, para valorização do professor. Mais importante, criar o Museu na primeira escola pública do DF, criada por Niemeyer em madeira. A escola foi destruída. Tem estrutura similar ao Catetinho. A planta original está em poder d.....ç

...temos configuração diversa e o centro agrega pessoas do movimento popular e das secretarias da educação, como vocês aprenderam isso eo Grupo. Tem-se o local, a planta e a ideia é reconstruir.

Debate

Margarida pede a Beth para ajudar a compreender a questão financeira do Projeto CMV. Ajudar a redefinir o projeto, do ponto de vista da constituição da equipe (múltiplos participantes), como lidar com essa área, pode-se aprender ou precisa de especialista?

No CPDOC, houve um tratamento com microfilmagem e, agora, não se trabalha mais com isso. Como fazer com a questão da tecnologia?

A proposta do museu da forma que se está fazendo em Cuiabá coincide com o que se faz em Brasília, ainda que em momentos diferentes.

Em Brasília, vários educadores no cenário. Na proposta, interesse em descobrir se tem razão Ivan sobre a destruição do projeto de A. Teixeira. Registrar a ausência de espaço físico como uma denúncia. Não se pode receber arquivos de pessoas que inclusive neste momento

A experiência é autodidática, a pessoa que ajuda é Janina, falta apoio da Faculdade de Ciências da Informação. Somente agora está se aproximando. É necessária uma política de incentivo a preservação da memória. Órgãos de patrimônio tem possibilidades de preparar pessoas que não tem especialidade na área, mas leigos podem aprender.

Beth responde

O que paira acima de criação de museus, centros é uma política maior de constituição de arquivos universitários. Isso é obrigação do governo federal. Criar e preservar a memória. Uma pessoa do ministério Público foi chamada para conversar com o Reitor. O gestor público quer se descartar dos documentos. Se a Universidade não cuidar de sua memória, outros não o farão. É papel da universidade, precisa ter sensibilidade para a necessidade. Está na legislação. Tem que haver uma política firme.

Respondendo a Margarida: precisamos fixar quem é quem em cada equipe. Precisamos fixar o pessoal permanente e o pessoal que é fluido. Precisamos constituir bolsa trabalho para alunos ou pessoal formado. As fundações de amparo a pesquisa tem possibilidade de apoiar. As fundações de amparo a pesquisa tem sido a salvação, seja em projetos de bolsas, em eventos, em publicações etc. Para publicações, inclusive, a Fapemat está passando para 800 mil, quando até agora o valor de financiamento era 300 mil.

Quanto a microfilmagem e digitalização, na década de 70, com a fundação do NDHIR constituiu-se o centro de microfilmagem. Ele é muito mais seguro, tem uma resistência de 500 anos. Fiz o mestrado na década de 70 e usava disquete daquele tempo. Perdia-se a informação. Com a digitalização, que garantia teremos se a documentação em DVD vai poder ser migrada para outro instrumento? Microfilme pode ser passado para os instrumentos digitais, independentemente da evolução deles. É preciso, portanto, trabalhar paralelamente com microfilme. Microfilme como piloto da preservação da memória. Começar pela digitalização e passar para microfilme.

Estamos tentando viabilizar parceria com a Seduc para digitalizar o material sobre EJA.

Pessoalmente, contra armazenagem de documentos. Trata-se de trabalhar as Secretarias para assumir sua memória. Se há uma instituição que receba e preserve, pode-se digitalizar e manter ali um centro interativo, que preserve.

O trabalho tem de ser digitalizado, com sofisticação midiática. Centro interativo, clicando imagem e obtendo todas as informações. Trabalho tem de ser bipolar, sensibilizando as instituições demandantes para preservar seu material. A função é informar, oferecer documentos digitalizados, o documento em papel armazenado não tem fim.

EVA responde:

Preocupação com questão orçamentária é complexa. O importante é começar com um seminário. O trabalho tem de ser em base profissional, com especialistas envolvidos. O trabalho do Grupo foi na base de trabalho voluntário, alguns permanecem, mas não há equipe fixa. Inclusive, envolve professores de distintas áreas e questões específicas. Quem trabalha com imagem tem melhores condições de produzir trabalho na área. Tem de ser profissional, remunerado, com tarefas específicas. Mas também é bom trazer outras pessoas.

Iniciamos com levantamento do acervo. Só agora estamos mexendo com a digitalização. Trabalhar com estudantes dá vida ao Grupo. Estudantes colaboradores, bolsistas, extensão, mestrandos, doutorandos. Fundamental. Outra coisa diz respeito a entrevistas. Tem de ser algo para manter o relacionamento. Anualmente, pesquisadores com entrevistados participaram de mesas em Seminários. Pretende-se agregar trabalho de pesquisa e extensão.

Sobre recursos, fico admirada com Elizabeth, com essa quantidade de recursos. Nós temos tido dificuldade. Há necessidade de finanças para esse trabalho. No caso de Brasília, com poucos recursos, contratou-se um arquivista, que orientou alunos, que fizeram um trabalho discutindo com o Grupo. O especialista que não tem envolvimento com a temática ajuda muito menos.

Outras questões:

Erlando: a partir da leitura da História da Educação, que ambas fazem, que conclusões trazem sobre esse trabalho? Reconstrução da história oficial. No caso de Brasília, por exemplo, a

Ceilandia vem de Campanha de Erradicação de Invasões. Em que medida vocês estão fazendo com que essa história seja contada?

Respostas:

Beth – Apesar de ter sido utilizado o exemplo de Brasília, eu não acho que exista um fosso entre história oficial e a não oficial. Está na documentação das distintas instituições. Na documentação oficial está isso nas entrelinhas. É o investigador que vai ler nas entrelinhas o que não está no texto. Nos acervos de jornais você encontra milhões de pontos de vista. O que falta é o pesquisador aguçado, capaz de fazer a leitura. Até as ações governamentais oscilam da política para o menor à política para o maior, contraditoriamente. Claro que o projeto CMV tem um olhar diferenciado que se volta para o excluído e cada equipe vai trabalhar com seu instrumental.

EVA

Todos os documentos são fontes para o historiador construir o conhecimento. A história nova, hoje, amplia muito a visão sobre o que sejam fontes documentais. O importante é a postura, a concepção metodológica, epistemológica do investigador. É ele que vai ter de compreender o documento. Falamos das primeiras aulas, que se deram à sombra de uma árvore. É simbólico que a primeira escola pública tenha surgido a partir de política oficial de A. Teixeira. Os trabalhadores que vieram construir Brasília eram em situação precária, meros assalariados. Foram incorporados como funcionários públicos, não eram alfabetizados. Então, por iniciativa, foi construída uma escolinha para alfabetizar esse pessoal. Os que tiveram tal iniciativa ainda estão vivos.

Proposta de Margarida para encaminhamentos referentes à finalização da manhã e à programação da tarde.

AVALIAÇÃO DOS TRABALHOS

No acervo há um documento sobre projeto de educação de adultos. Teodoro, 90 anos, tem uma história sobre isso, do início da década de 60.

Há colegas do MEB que precisam ser entrevistados.

Caneca – achei uma maravilha. Mas tenho muito mais dúvidas do que certezas, depois desse Seminário. Tenho trajetória de investigação do ponto de vista dos Movimentos Sociais. Mas esse encontro possibilitou pensar muito sobre o que fazer enquanto parceiros. Estamos centrados na década de 60-70, é preciso pensar sobretudo em valorizar a história oral. Quais são as possibilidades de avanço do ponto de vista do financiamento, do ponto de vista das equipes etc. A epistemologia não se separa da política. Quem está nisso está comprometido.

Maria Emilia – Participei do primeiro seminário ocorrido no Rio (oficina de agosto), mas as várias experiências ouvidas agora apontam para experiências da nossa região e mostram que já existe uma preocupação na região. Ficamos sabendo onde buscar material. Em Goiás, estou buscando material do MEB e já me dei conta de que há distintas fontes onde buscar esse material. Ao fazer esse levantamento de Goiás localizei material de Mato Grosso. Esse movimento de busca... o Seminário mostrou que há possibilidades de busca e de encontro de documentos. Percebe-se uma gama de possibilidades. Difícil, como pesquisador, ter de se locomover a outras localidades para captar documentos. Os centros se prestam a isso, viabilizar acessos.

Dimas – este projeto é de memória, que é diferente de história. De extrema importância, por se dar num nível de interdisciplinaridade. Os que falaram aqui poderiam trazer seus textos, esses relatos todos podem ser publicados, inclusive. Outra questão é que uma coordenação fazendo e estabelecendo metas não é o correto. O importante é este seminário, para uma discussão e planejamento conjunto. Sobre o planejamento financeiro, é preciso construir nos estados caminhos para este Projeto, trata-se de pesquisa básica e, por isso, precisa de financiamento. Cada estado poderia ver isso com as instituições financiadoras. No RJ, há na legislação a obrigação de que se ceda ao estado o patrimônio de alguém que não tenha deixado herdeiros.....

Rosângela- Ontem, a primeira fala, da Clelia, me foi de grande valia. Para nós, do CFES, o Projeto é muito importante, pois estamos fazendo sistematização de experiências pelos próprios grupos. Já temos uma primeira produção. Para esse ano, está já em produção um vídeo, sendo feito pelos formadores. Há algumas produções dos professores a respeito do trabalho associado. Esse diálogo associado com o saber acadêmico é importante para a produção do CMV. M.Luiza falou sobre o vídeo dos Xavantes, nós também temos um livro dos Xavantes. Eu me senti menos identificada com a documentação. ABHP, entidade da qual já participei e, inclusive, pesquisei, tem um trabalho efetivamente de educação de jovens e adultos. Muitos se alfabetizaram para ter acesso à homeopatia.

Margarida – parte da atividade do CMV deve estar atenta à produção de história oral, como é o caso de ABHP e de CFES. História oral é um filão e precisamos entender que é um material importante. E, se formos lidar com M. Sociais e educação popular, precisamos tratar CMV como memória viva, não como acervo. Temos de nos direcionar para essa preocupação. Temos uma terceira via, além de H. Oral e sistematização de experiência: a documentação. Muito mais temos de tratar os documentos com a preocupação de referenciar do que propriamente guardar. A universidade tem de ter seu espaço organizado de arquivo. Ontem ficou claro, principalmente na fala de Clelia, a questão dos aportes teóricos. Precisamos estudar. Ao mesmo tempo, precisamos tratar o material disponível. Precisamos nos servir da experiência que já existe: tratamento de documentação feito pela Beth, entrevistas feitas pelo grupo de Eva etc.

Maria Emilia- Às vezes, não se pode localizar as imagens, mas as pessoas nos remetem, através das entrevistas que fazemos. Interessante fazer a rede de quem entrevistar etc.

Margarida -A gente está fazendo memória das reuniões. E pretende disponibilizar.

Professora IVANI – me interessa muito esse tema da memória. Já trabalhei muito sobre vozes existentes e memória. Quando soube da existência do seminário vim em alguns momentos, senti-me bem e fiquei.

NELBI – não sou da área de História e a gente tem muito a aprender com eles. Há muita coisa acontecendo por aí. Precisamos buscar essas praticas de produção da memória. Temos coragem e disposição para aprender. Precisamos dar voz aos de baixo. Essa tem de ser a cara do CMV. Sou ligado à área camponesa e sei que tem sido esquecida. Só aparecem nos momentos de ocupação de terras. Precisamos enfrentar esse principio como fundamental. Nosso empenho para que isso de certo para funcionar. Como Beth afirma, quarenta anos é bastante tempo, mas não suficiente.

BETH – quero acrescentar que, além dessas leituras mais teóricas, sobre exclusão, devemos ter em vista os registros já produzidos nas dissertações e teses de doutorado. Por exemplo, a respeito dos camponeses, lembro-me de alguém que estudou os panos de prato dos sem terra. A autora associou esses pratos ao hino, aos símbolos vários, à mística

LENIRA(Irma de Thelma) – assisti à fala de Clelia e estou preocupada com a urgência em fazer essa historia oral, principalmente com as pessoas que estão bastante idosas. Perdem-se oportunidades que não se pode recuperar. Valnir Chagas, por exemplo, em minha pesquisa não consegui entrevistar. Pensei em escrever algo sobre isso. Outra oportunidade perdida foi uma mulher que foi para a primeira guerra, das 68 mulheres brasileiras que foram, servindo na área de enfermagem. Até receberam patente e foram incluídas no Exército. Eva Cansanção faleceu ano passado e perdi a oportunidade de entrevistar. Acho que a historia oral é fundamental. Consegui localizar meninas que foram estudantes do colégio militar, mais de quarenta horas de entrevista. Daí surgiram muitas pistas. A historia oral é cativante, tem de ter aparato teórico e metodológico para isso. Uma das pioneiras disse que não queria participar. Insisti e consegui. Depois, descobri que o motivo da recusa era apenas um problema de família e a escola estava envolvida nisso. Por meio das entrevistas se acessam documentos.

TARDE DO DIA 17

MARGARIDA informa sobre proposta de M. Luiza de inserir nossos relatórios e textos deste Seminário no Portal dos Foruns. Margarida também vai inserir documentação.....

Maria Luiza: Eva está maravilhada e interessada em fazer parceria com o Projeto. Agora, falando do Portal dos Foruns de EJA:, na primeira página, onde está administração descentralizada, significa que cada bandeira representando o estado, tem um administrador, que opera as ferramentas e as tecnologias para manusear o portal. Em dezembro está sendo editada a versão 5, que terá 45 páginas impressas e, no portal, mais páginas, instruindo sobre o que fazer. Como fazer procedimentos de mobilização política e de pesquisa. Tem apoios vários: CPD, centro de processamento de dados, o CPTC que faz outro serviço. A administração

descentralizada significa que ninguém vai ficar sobrecarregado, pois cada um tem um ritmo, uma dinâmica política própria.

O princípio é o da reflexão coletiva, revisitado continuamente.

Os campos economia solidária, o de educação popular oferecem várias informações sobre o tema. Abrindo educação popular, vamos encontrar O. Favero e as formas como apresentou o trabalho de organização da história da Ed. Popular. Encontram-se as principais experiências.

M. Emilia- Importante o material, quando fiz o trabalho doutoral, tive notícia de um material radiografado que só consegui acessar agora, nesse vídeo do O. Favero.

Em cada item em que se distribuem as informações sobre educação popular no Brasil, Osmar aprofunda as informações.

Pode-se mandar para forumeja@gmail.com tudo que quisermos inserir no Portal, sempre por decisão coletiva, que passa pelo Forum do estado.

Acervo que foi usado como ferramenta “mudou”. Quando se faz um curso em EJA, o material vem para o Portal. O módulo 1 tem uma webconferência feita em novembro, pequena, com coisa muito boa. Com fala de Paul Singer sobre a Economia solidária, afirmando que é de fato um projeto socialista. Não se pode pensar no mundo do trabalho sem falar de autogestão, senão vai-se ficar todo o tempo reproduzindo.

Idinaura pergunta- Para os cursos de EJA, nos estados, vai-se colocar aí?

M. Luiza informa que qualquer estado pode disponibilizar seu curso, o que está sob a bandeira Brasil foi promovido pelo MEC e feito para todo o Brasil.

O que se falou de pesquisa histórica aqui, o que nos fizemos está no portal cidade estrutural. Há um vídeo de audiência pública realizada na própria comunidade, com todo o aparato formal, com presença dos moradores, o gerente de EJA da territorialidade. Deve-se buscar produzir registros que possam ter efeito imediato de mobilização, provocando mudanças na história atual.

No Paranoá, há uma forte tradição de movimento popular e a página está ilustrada com uma pintura de paisagem de Paranoá. Conta-se na página duas versões de história, a oficial e a dos próprios sujeitos.

Na página de Ceilandia, está uma história de surgimento da cidade. Hoje com 433 mil habitantes. Surgida com o movimento dos incansáveis, constituído de 16 famílias. Ali está inserido um vídeo produzido por estudantes da UnB em diálogo com os moradores. Nada está acabado, concluído. A perspectiva é construir coletivamente uma página, uma história.

Portal de Brasília tem a história da significação da construção de Brasília, em termos de morte dos trabalhadores, falta de moradia etc. Nesse processo de construção de Brasília, há dados eleitorais sendo atualizados nas distintas cidades.

Margarida –

SOBRE CONCLUSÕES A EXTRAIR DO EVENTO – Saímos daqui com referenciais teóricos e definimos três frentes de trabalho: história oral, sistematização de experiência e pesquisa documental. Devemos ensaiar alguns momentos de debate regional para amarrar como vamos estudar e debater coletivamente. Identificada a história oral como uma das técnicas de pesquisa prioritária. Benjamim tem essa classificação, assim como um autor da USP. A história oral precisa ser realizada com os protagonistas que tem algo a dizer, por idade avançada e importância da contribuição.

SOBRE CRONOGRAMA II SEMINÁRIO REGIONAL - Proposta de agenda dos Seminários Regionais: 8 e 9 de dezembro de 2011, em Goiânia, será o segundo evento, no prédio da FAE/UFG.

SOBRE FORMAÇÃO DE EQUIPES - precisamos dar materialidade àquilo que estamos pretendendo para nossas pesquisas. Seria útil que cada equipe de pesquisa produzisse uma sinopse das pesquisas em andamento. A ideia é o título e um parágrafo mostrando a intencionalidade da pesquisa: tema, perspectiva metodológica, basicamente. Ideal é receber até 05 de janeiro, pois o encontro da comissão provisória será no dia 10, em Goiânia.

Está entendido que haverá um conjunto de pesquisadores, vinculados, com bolsas de pesquisa. Ao lado disso, haverá um conjunto de participantes (coordenação, vice, pesquisadores do projeto e outros pesquisadores). Temos de pensar que, na equipe de 10 pessoas envolvidas na pesquisa, haverá pessoas diferenciadas, distintamente daqueles envolvidos como colaboradores. Precisamos de auxiliar administrativo, precisamos indicar para o Centro-Oeste esse membro da equipe de base, fornecendo nome, e-mail e telefone de contato.

c) SOBRE SEMINÁRIO DE FORTALEZA (nacional) - Anunciado o Seminário em Fortaleza para a sistematização da informação. Esse seminário está marcado para 23 a 25 de fevereiro. Quando a Secad marcar quantos deverão ir, temos de mobilizar das equipes locais quem irá. Está definido que coordenadores sempre participem. Se o grupo for regional, que venham todos. Se evento local, o grupo define quem participa. Essa definição de quem vai a Fortaleza deverá ocorrer até 4 de fevereiro.

SOBRE A MEMÓRIA JÁ PRODUZIDA. O que temos de memória: I Seminário PENSANDO EJA – jogar no portal o momento de apresentação do Centro. Nova versão do Projeto de Goiás foi feita. Na pro-reitoria de pesquisa foi inscrito o projeto de Goiás. O projeto geral vai aparecer na tentativa de integração nacional, mostrando a especificidade regional. **O documento final (projeto) de cada estado deve ser enviado a Margarida.**

SOBRE O QUE DOCUMENTAR DESDE JÁ. Devemos ter preocupação em fazer documentação fotográfica do processo de pesquisa, coleta de documentação, processos de digitalização, processos de higienização de documentos, equipes etc. à medida que as pesquisas forem andando, deve aparecer fotograficamente em áudio etc. Ou seja, o trabalho de bastidores faz parte da memória de gestão. Datar, nominar as pessoas.

Erlando – reitero pedido de desculpas. Muitos dos problemas esteve fora do controle resolver. Goiás e MT tiveram prejuízo. Pedimos desculpas como universidade. Não estamos com a equipe montada, fizemos um convite coletivo e vieram todos. Ainda não se decidiram, a secretaria não pode vir, pois está envolvida com outras tarefas. Satisfação pela acolhida e pelas contribuições de todos os expositores. Há muita riqueza e considero o momento exitoso. Pessoal que fez a cobertura do evento, agradeço. Essa parceria com pessoal de informática, com o portal de fórum EJA vai ser intensa.

Erlando informa que a solicitação da manhã vai ser atendida: visita ao museu Darci Ribeiro

...Software livre a disposição. Necessidade de palestra sobre esse software.....

M.Luiza propõe: Levantar inventário de suporte das informações se é revista, se é caderno, se é objeto, se é jornal etc.

PLANEJAMENTO (reunião dos coordenadores e vices dos estados)

CRONOGRAMA DE TRABALHO

LOCAL – DATA – HORA	ASSUNTO	OBSERVAÇÃO
para 4 de janeiro 2011	Tarefas preparatórias do Seminário de Fortaleza	Apresentar demonstrativo financeiro (o que conseguimos executar, o que foi empenhado etc.) Apresentar sinopse das pesquisas em andamento. Apresentar equipe de colaboradores e equipe básica Apresentar projeto final, por estado.
Goiânia, 9 de janeiro	Reunião de equipe nacional provisória	Planejamento do evento de Fortaleza
	Discutir as soluções encontradas para administração dos recursos de 2010 e planejar o orçamento de 2011	Gustavo, da STI/UFMT será responsável pela geração da Web
	Seminário de Planejamento Estratégico	Tomada de decisão sobre procedimentos de sistematização de informações
Webconferencia, 3 de fevereiro, 15:00 (14:00 p/ MT	EREJA	Representantes do CMV tentarão se reunir
Fortaleza, 23 a 25 de fevereiro		

